

SIGMAVILLE AO ALCANCE DE TODAS ECONOMIAS

condições de renegociar

tamos caminhando no sentido de um crescimento sólido

Delfim vê

Ministro afirma que es-

EBN

Rio — O ministro do Planejamento, Delfim Netto, afirmou ontem, na Escola Superior de Guerra, no Rio, que o País está caminhando para encontrar condições mais razoáveis para a renegociação da sua dívida externa. Acrescentou, também, que para o Brasil continuar crescendo terá que ampliar cada vez mais o setor exportador. "Este é um crescimento que não cria problemas para a balança de pagamentos e pode durar o resto do tempo".

Ainda sobre exportações, o ministro salientou que o mercado interno não fica prejudicado com elas. A exportação gera salários, que compram produtos e que geram ICM. Logo, é uma tólice afirmar que as exportações não produzem Imposto de Circulação de Mercadorias".

O ministro destacou, ainda, que, após vinte meses, a recessão brasileira caminha para o seu final. Revelou que o País já aponta indicadores positivos no setor industrial e nos níveis de emprego e ratificou os recentes dados sobre este setor, divulgados pelo IBGE, que, para ele, representam pelo menos uma posição estável.

Observou a diminuição da dependência do setor energético brasileiro em relação ao exterior, graças ao grande esforço de extração de petróleo, ao desenvolvimento satisfatório do Proálcool, à ampliação do volume de produção do carvão e à gradual substituição de combustível por energia elétrica — a eletrotermia.

Delfim descartou a possibilidade de mudanças na política do Fundo Monetário Internacional para com o Brasil, afirmando que "esta política, na realidade, somos nós mesmos que a ditamos".

Sobre as reivindicações do ministro da Previdência Social, Jânio Passarinho, de ajuda financeira àquele setor, sem os recursos necessários para o exercício de suas funções, Delfim comentou: "Se a Previdência não aumentar sua receita, vai reduzir sua assistência social". O ministro não vê razões de queixas de exportadores sobre dificuldades operacionais: "A exportação só depende de nossa capacidade de competição e nós temos tanta que os americanos vivem nos botando para fora".

O ministro das Minas e Energia, Cesar Cals, na mesma oportunidade, disse ser "muito importante para a oposição entender que, se a emenda do presidente Figueiredo não for aprovada, ficaremos no 'status quo'". Para ele, a hipótese de um mandato-tampão não representa uma saída, porque "o presidente Figueiredo já cedeu até onde poderia ceder", aceitando mandato de quatro anos com possibilidade de reeleição para o próximo candidato.

Mesmo considerando o governador de Minas, Tancredo Neves, "um grande nome", Cals colocou-se como homem do PDS, dizendo que o nome deveria sair do seu partido. Vice-presidente na chapa do presidenciável Mário Andreazza, o ministro das Minas e Energia concordou com as afirmações de Delfim Netto sobre a ocorrência, no momento, de total transformação no sistema econômico do País: "Por exemplo, está diminuindo a participação do petróleo e a metalurgia está usando mais alumínio do que ferro".

Já o ministro dos Assuntos Fundiários, general Danilo Venturini, afirmou que "o presidente João Figueiredo não quer modificar o processo da sucessão presidencial em plena efervescência da crise econômica e social que envolve o País.. Enquanto a classe política não se sentar em torno de uma mesa para discutir lealmente as questões de interesse da população, as dificuldades continuarão grandes. É necessária e urgente uma convergência". Ele considerou normal o resultado de uma pesquisa que apontou o vice-presidente Aureliano Chaves como favorito — seguido de Leonel Brizola — em caso de realização de eleições diretas.

O ministro da Agricultura, Nes-

tor Jost, confirmou que o Brasil continua importando leite em pó e disse não saber até quando. Garantiu que a próxima safra de arroz será suficiente para o abastecimento interno, não fazendo o mesmo em relação ao feijão, cujos estoques estão terminando e não há certeza da próxima safra oferecer quantidades necessárias ao consumo da população. Anunciou o estudo de uma campanha junto ao consumidor, que venha a resultar no aumento da oferta de hortigranjeiros. Afirmou também que não existe falta de óleo de soja para o consumo interno: "Pelo contrário, há abundância".

— O produtor tem o direito — disse Jost — de colocar seu bem onde possa obter melhores ganhos. Os preços, na exportação do óleo de soja, são mais compensadores. Mas o que atrapalha o mercado interno não é o desvio do produto para vendas externas, mas a existência de um tabelamento inadequado.

Jost diz que a agricultura tem participado com destaque no aumento das exportações, fazendo blague com o diretor da Cacex, Carlos Viacava, por ele ter feito afirmação sobre baixa contribuição da área agrícola: "Suco de laranja não seria produto manufaturado se não houvesse a laranja, do mesmo modo que não haveria óleo de soja se não existisse a soja".

Sobre o fato de uma política econômica voltada para a exportação levar os Estados à total falta de recursos, pela queda de arrecadação do ICM, o Ministro da Agricultura opinou: "os produtos manufaturados destinados à exportação não pagam ICM, mas os produtos agrícolas pagam".

O presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), Arthur João Donato, à saída da solenidade, considerou que as exportações geram recursos tais, para o País, "que o detalhe do ICM pode ser superado por inovações criativas". Para Donato, "ainda estamos em plena recessão, embora existam claros indícios de uma expectativa de recuperação, com a agricultura e as exportações apresentando saldos razoáveis".

O empresário João Fortes, do setor da construção civil, considerou normal, "dentro de um quadro saneador do setor financeiro do sistema habitacional", o encerramento das atividades de mais uma caderneta de poupança, a Econômica, de Minas Gerais. Segundo ele, esse saneamento, quando concluído, permitirá o início da segunda etapa da recuperação do setor da construção civil, "o que pode acontecer ainda este ano".

As novas instalações da Escola Superior de Guerra, contando com auditório, salas e equipamentos para uso de seus alunos, receberam o nome de Marechal Juarez Távora, cujo busto está no saguão de entrada do novo prédio, e foi inaugurado na presença dos ministros Delfim, Cals, Venturini e Jost; do presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde; dos acadêmicos Pedro Calmon e Afonso Arinos; do escritor Guilherme Figueiredo — irmão do presidente João Figueiredo — e brigadeiro Waldir Vasconcellos, ministro-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA); do presidente da Federação dos Bancos, Theóphilo de Azeredo Santos; e de ex-alunos e convidados civis e militares.

O PRÉDIO

Com linhas arquitetônicas modernas, o edifício tem três mil metros de área construída e custou 1 bilhão e 243 milhões de cruzeiros. No andar térreo, existe um auditório com capacidade para 248 pessoas e, no primeiro andar, encontra-se a biblioteca com um acervo de 26 mil volumes. Já no segundo andar, localizam-se vinte salas de aula, enquanto no terceiro andar, funcionam as divisões de estudos, com um conjunto de terminais de computadores. No térreo, descontina-se um panorama de rara beleza, mostrando a entrada da Baía de Guanabara.

Denunciado a